

geologia - paleontologia - arqueologia - história

Newsletter

CULTURE CLUB
House



newsletter 2_ junho de 2017

www.housecultureclub.com

A memória colectiva

Do passado as memórias, o futuro é a cada segundo e, no presente tudo se faz acontecer. O tempo é um bem inestimável, com uma particularidade única, foi, não volta. Não importa que olhemos para o relógio, o que ficou foi um aprendizado porque cada passo que projectamos representa um acumular de informação. Se valeu a pena? Se foi positivo? No Universo nada é negativo, bom ou mau não existe, são apenas faces do mesmo movimento, cada acção tem uma resposta. Então façamos com que valha a pena, que tudo para nós seja positivo. Visitar um lugar, investir um pouco do nosso tempo reveste-se de singular importância e deve de ser objecto de prazer, se não for, mais vale nem começar. Bem sei que a nossa curiosidade não é natureza morta, que é em momentos inesperados que nascem grandes obras, grandes pensamentos e que a vida é uma busca incessante de conhecimento, mesmo nos graus mais baixos e de forma inconsciente.

No colectivo, a memórias é o que deixamos às gerações que vêm a seguir, não importa a sua natureza, física ou filosófica, são sempre o nosso aprendizado, que nos tornou melhores Seres Humanos.

Alguém escreveu um dia – por debaixo das nossas roupas modernas e vistosas continua a viver o homem das cavernas – basta para tanto que a civilização que construímos de algum modo colapse. Então o que fica? - O conhecimento e a vontade de seguir em frente, a vontade de recomeçar. A História está cheia de recomeços e a arqueologia tem revelado outros tantos, com ou sem grafismos.

O foco no futuro exige envolvimento no presente e conhecimento em absoluto do passado, para que não nos vendam mentiras por verdades, esta a crucial importância da História antiga, ou recente, é igual. Mesmo para os mais alheios à disciplina, algum dia, vão ficar cara-a-cara com esta realidade.

O valor do património não reside só na maior ou menor monumentalidade das construções, mas nos hábitos e costumes, no lúdico e música, na Fé, na gastronomia, enfim no percurso das gentes desde a origem dos tempos. A sustentabilidade destas memórias depende em absoluto de todos nós e será o legado que vamos deixar.

Sustentabilidade

É com alguma regularidade que ouvimos, pós-férias -“voltei mais cansado(a) do que quando estou a trabalhar”, e de facto só existem duas opções, ou tiramos este período para “dormir” ou tornamos o tempo de que dispomos numa

“viagem” agradável, sem stress, e o resultado serão bons momentos.

Se excessivamente programado, cai na linha do que se torna obrigatório e lá se vai o prazer da descoberta, se saímos sem programa o resultado, em regra, será pouco satisfatório, e se valeu a pena, para os espíritos mais exigentes, fica-nos a ideia de voltar. O contrário deixa-nos o vazio de passos perdidos e sobrevém o cansaço.

Viagens e visitas organizadas são a resposta possível para momentos agradáveis, onde o tempo não conta, afinal essa é a responsabilidade da entidade organizadora. Colocar à disposição um programa que se torne numa experiência única, a não esquecer, com um sabor a aventura, onde o património apresentado se torne numa “aula” viva de convívio com o antigo e o actual, conhecer as gentes, o seu saber, sentir a fé, a história.

De norte a sul o nosso país apresenta particularidades únicas, está nas mãos de todos, sem excepção, criar sustentabilidade, não deixar que acabem, ou pelo menos que esses registos não se percam da nossa memória colectiva.

O **House Culture Club** alinha a sua programação, pela sua complexidade, com instituições oficiais e locais, por forma a proporcionar ao visitante uma melhor resposta nas diversas vertentes – cultural, gastronómica e lúdica.

Newsletter, especial: área escola com programas para “ meio, ciências, geografia e história ”, opções em saídas de estudo no 4º, 5º e 6ºs anos do EB, será distribuída durante o mês de Agosto.

Circuitos – encontra-se disponível na “janela” Agenda do site www.housecultureclub.com toda a programação, respectivas datas e tipo. Para mais informações contacte-nos:

93 509 11 44; geral@housecultureclub.com

Turismo sénior – na programação de alguns circuitos está indicado o grau de dificuldade que os mesmos comportam, em causa percursos pedonais, com alguma complexidade e extensão. O uso de calçado adequado e confortável é aconselhável.

Equilíbrio

O equilíbrio entre o discurso académico e uma apresentação para um público generalizado é de algum modo uma tarefa complicada. Se para uns existe alguma indiferença pelo que se tenta comunicar, existe sempre quem fique com a ideia que o que foi transmitido ficou aquém das expectativas.

Na década de 70 do século passado, fruto das múltiplas visitas a um sítio arqueológico, tomei contacto com uma “guia”, à época não tinham esta designação, nem formação específica para tal e o público-alvo também não era de algum modo “tão exigente”, mas quem ia tinha interesse em saber mais, e quem fazia o acompanhamento, fazia-o muito bem, sem formação académica, a arqueologia corria-lhe nas veias. Fazia muito bem a ponte entre o académico e o leigo, numa boa escala de valores, algo, mais difícil de obter em tempos que correm.

O nível médio de conhecimentos do visitante que hoje solicita acompanhamento obriga a profissão de guia a um patamar superior de formação e reconhecida competência. Satisfazer com um discurso algo académico é bem aceite, mas no oposto, “os que nada sabem” também não ficam motivados, sobram as questões e a sua curiosidade não foi de alguma forma satisfeita. Esta sem dúvida uma razão que leva uma elevada percentagem a dispensar a presença do guia.

Um professor dos meus tempos de faculdade, entretanto jubilado, escreve no facebook verdadeiras aulas, até os iletrados se soubessem ler, concretizavam a cadeira, porque sem perder o rigor académico o texto é vivo e lê-se de um só fôlego.

No primeiro número desta newsletter levantou-se uma questão: - Então o que falta? (sobre a capacidade de interpretar a história pelos seus testemunhos) Nada! Apenas sobra o individualismo de cada um por si, ou antes, falta o espírito de comunidade, espírito de grupo para viagens organizadas!

Pretende-se complementaridade, sem ultrapassar pessoas e instituições, eliminando barreiras, criando corredores, fórmulas e temas, aproximando o visitante do património. Este é sem dúvida o objectivo do **House Culture Club**.

... quando os organismos públicos são “inimigos” do património

É facto que as obras públicas obedecem a projectos que envolvem diversos organismos e empresas e quando estes colidem com sítios com valor patrimonial existe sempre a possibilidade do fiel da balança pender para o lado errado, é que não raro interesses financeiros falam mais alto.

Provavelmente serão poucos os que se lembram, afinal já lá vão trinta anos. Os novos não ouviram falar, os outros já se lhes varreu da memória ou até “já deixaram de pagar impostos”.

No início da década de 90 do século passado, assistiu-se a todo um processo que veio a ficar conhecido por “Batalha de Carenque”. O local, uma pedreira situada na Quinta de Santa Luzia, Pego Longo, área geográfica situada no Concelho de Sintra. Aí foram descobertas e identificadas pegadas (icnofósseis) de dinossáurios, o mais longo trilho (± 130 metros) então conhecido, atribuído ao Cenomaniano médio (topo), ± 95 M.a., no Cretácico superior. Não fora a singularidade do achado, o seu valor científico para a interpretação ambiental durante este período geológico, o que motivou imensos trabalhos e publicações de carácter científico, e tudo poderia ter passado à margem, já que em 1991 a área colidia com o traçado da CREL (circular regional externa de Lisboa).

Apesar da longa “batalha”, que envolveu personalidades como o Presidente da República (Mário Soares) e inúmeros pareceres científicos, o traçado da auto-estrada não foi alterado, tendo a Brisa e a Junta Autónoma das Estradas optado pela construção de dois tuneis paralelos sob os trilhos. Opção infeliz porque o topo dos tuneis fica a poucos metros da superfície e a vibração provocada pelas máquinas durante a construção danificou seriamente o sítio paleontológico. Também não foi estabilizada a placa onde os icnofósseis estão, à época já existiam produtos, resinas, mas apenas cobertos por geotêxtil e sedimento.



Icnofósseis – pegadas de dinossáurios na Quinta de Santa Luzia, Pego Longo.

Volvidos 30 anos desde a sua descoberta (1986) a musealização, possível, continua no papel e a função pedagógica, ensino e turismo, é apenas uma miragem.

Carlos Farinha

... para reflectir

Vale do Côa



No passado dia 24 de Maio a comunicação social dava conta da identificação dos autores do acto de vandalismo em 25 de Abril numa gravura do vale do Côa, conhecida como “homem de Piscos”.

Os autores confessos deste acto, em defesa referiram “que a intenção não era a de estragar”, revela no mínimo ignorância, o que não é particular destes dois indivíduos.

A decisão de acusação cabe ao Ministério Público, avaliando da intenção dolosa do acto ou se se trata apenas de “uma violação grosseira do dever de não estragar”. Incorrem caso sejam condenados a uma pena de dois a oito anos de prisão, que para além do exemplo nada resolve. A legislação está baseada em **crime – castigo**, e não na **prevaricação – correcção de atitudes não sociais ou patrimoniais**. Em qualquer dos casos a decisão cabe sempre ao Juiz e nos últimos tempos algumas decisões fizeram jurisprudência, revelando sensibilidade social.

Formação e trabalho comunitário tornam-se assim necessários para reinserção, como exemplo, para que situações semelhantes não possam acontecer.

Antas de Belas

Desta necrópole megalítica classificada como monumento nacional desde 16 de Junho de 1910, conforme Decreto, fazem parte a Anta do Monte Abraão¹, Anta da Estria, Anta da Pedra dos Mouros² (Anta do Senhor da Serra ou Anta de Idanha), no todo, três, atribuídas ao Calcolítico inicial.

Trabalhos publicados, desde a sua descoberta no século XIX pelo geólogo Carlos Ribeiro (1813-1882), são referências da importância deste conjunto megalítico.

igespar.pt/pt/património/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/70150/

A assinalar múltiplos e variados actos de vandalismo, porque apesar de classificadas a sensibilização das populações, não existia. Talvez se soubessem que eram enterramentos não perturbariam tanto o “sono das pedras”.

Sobre a Anta da Pedra dos Mouros, V. Correia (1917, p. 185) afirmava: *“conhece-a bem, o povinho lisboeta, que vae lá, anualmente, deixar-se escorregar pela sua pedra inclinada”*. Octávio da Veiga Ferreira (1963) especificava ... *“as moças casadas de fresco subiam até ao topo da pedra, tiravam as cuecas, quando as tinham, sentavam-se e escorregavam até à base, na crença que após este acto, podiam conceber. A superfície da pedra está toda gasta e polida de gerações sucessivas posteriores!”* – in Rui Jorge Narciso Boaventura, 2009, As antas e o Megalitismo da região de Lisboa, volume 1, pp. 39-40 [415 pp] Tese de Doutoramento, História (Pré-História); UL - Faculdade de Letras.

Este mesmo autor faz referência ainda a outros actos de vandalismo bem mais recentes, sem enquadramento nas tradições rurais.



Escrita, o registo da actividade humana

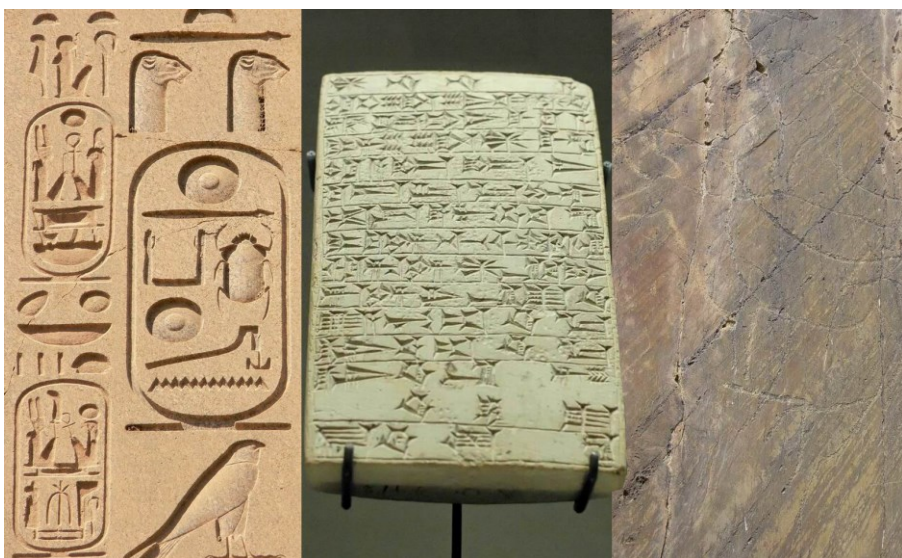
Os dinossauros deixaram a sua pegada ao longo de ± 150 M.a., poderemos dizer que estavam muito bem adaptados às condições do meio. Nenhum outro grupo de vertebrados teve uma representação no tempo, idêntica.



Contudo, durante o seu processo evolutivo, jamais souberam que existiram. O Ser humano recuperou este grupo de animais para a “vida”, escrevendo sobre eles, deu-lhes memória.

Esta capacidade de representar de modo gráfico o meio que nos cerca associado aos sons – fala, permitiu desenhar o que hoje conhecemos por alfabeto.

Podemos dizer que a **escrita** começa na Suméria durante o IV milénio a.C., e com ela a história. Esta forma de interacção constitui a base de como comunicamos, e é responsável pela evolução humana no plano colectivo e estrutural.



Iconofósseis – trilha com pegadas de saurópodes (dinossauros), Jurássico médio ± 175 M.a., Pedreira do Galinha, Ourém.

[Imagem-fonte: 04861000008860_fc](#)

Hieróglifos egípcios, **2200 a.C.**,

[imagem-fonte: internet](#)

Escrita cuneiforme suméria (Tablet da Fundação do Templo de Nanaia, construído por Kudur-Mabuk e Rim-Sim de Larsa, calcário, **1820 a.C.**;

[imagem-fonte: Wikimédia, Louvre AO4412.jpg](#)

Arte rupestre, Vila Nova de Foz-Côa, **22000 a 10000 a.C.**

[imagem-fonte: farinha.c](#)

A transmissão da nova “ferramenta” que permitia registar acontecimentos no plano político, religioso, social e económico não foi homogénea, no espaço e no tempo.

No primeiro quarto do III milénio a.C. a **escrita** ainda estava confinada geograficamente à Mesopotâmia, ao vale do Indo e ao Egipto, e só no início do séc. IV a.C. a península Ibérica tomava contacto com esta nova forma de comunicar.

O início da escrita

The Penguin Atlas of Ancient History, 1961 Colin Mc Evedy



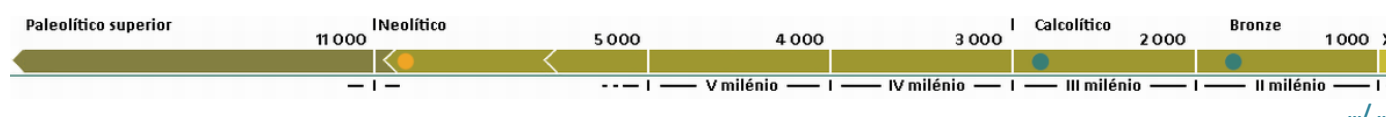
O elo de ligação foram os mercadores (gregos, fenícios, ...), das simples trocas de mercadorias e horizontes culturais, o produto anónimo, de maior relevo, sem peso, sem ocupar espaço, foi sem dúvida a **escrita**.

Imagem-fontes: farinha.c\ Stephan C. Schuster, Penn State University (internet).



Um período superior a 14.000 anos separa estas imagens. As gravuras estão datadas para um intervalo de tempo entre os 22.000 a 10.000 a.C. no Paleolítico superior, e a foto de caçadores-recolectores é actual. São elementos de uma das tribos **Khoisan** do sul de África e nos últimos 150.000 anos mantiveram a sua genética e estilo de vida original. As gravuras de **arte rupestre** do vale do Côa, produzidas por caçadores-recolectores, são o registo da actividade humana mais antigo que se conhece.

As indústrias líticas caracterizaram a pré-história. O evoluir das técnicas



e do produto final definem não só o longo período Paleolítico, mas também a transição Mesolítica e o Neolítico.

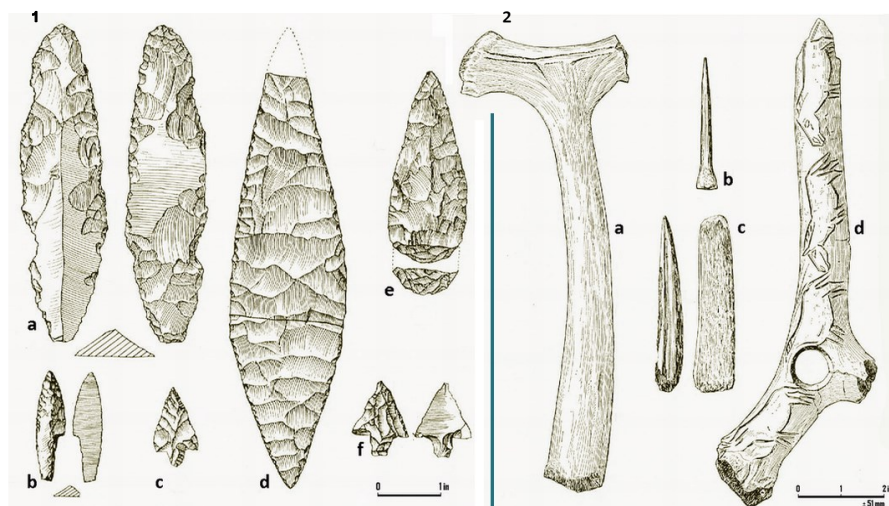
O conjunto de ferramentas disponível durante o **Paleolítico superior**, para além das de carácter lítico, era de osso ou madeira. O **ocre**, pigmento usado na pintura (arte rupestre) e os adornos, usados na vida ou na morte eram obtidos no meio em que viviam. Os produtos de caça eram usados na totalidade, o desperdício não existia, ou era reduzido, a carne era alimento, os ossos utensílios diversos, e os dentes adornos e as peles tinham utilidade muito variada, vestuário, cordões para arcos de caça, adorno, ou costura.

Alguns autores fazem coincidir o início do Paleolítico com o fim do Plioceno [unidade estratigráfica geológica].

O Homem já existia durante esta unidade geológica, mas o início do Paleolítico ainda não é consensual, ocorreu em algum momento no último milhão de anos.

Paleolítico inferior¹ e superior². Artefactos em pedra (lascada) e em osso (haste de veado).

[Man the tool-maker](#), pp. 60-61; Kenneth P. Oakley.



As comunidades eram compostas por elementos ligados por laços familiares e, desta forma limitadas no número.

Há ± 25000 anos, em pleno Paleolítico superior, a **criança do Lapedo** (nome com que ficou conhecida na arqueologia), então com quatro anos, foi sepultada no lugar que hoje conhecemos por **abrigo do Lagar Velho** (Leiria). Arqueólogos recuperaram o esqueleto e também os artefactos que então usava como adorno, quatro dentes caninos de veado, e a concha de um gastrópode "*Littorina obtusata*" (burrié).

[Ver anexos](#)

As espécies Neanderthal e homem moderno coexistiram até há ± 28000 anos. A criança do Lapedo surge 3000 anos após a primeira se considerar extinta, ou assimilada (?), em causa, alguns traços anatómicos parecem querer indicar uma miscigenação, pelo que está aberta a discussão de pormenores evolutivos que só com novos achados será sacionada.



Criança do Lapedo, ilustração de Guida Casella, [\[imagem-fonte: internet\]](#)



Miróbriga - Tróia

...por mais de seis séculos
a permanência romana
no nosso território [séc II a.C.-séc V]
foi um facto.

Da sua civilização e,
da romanização,
ficaram-nos imensos testemunhos,
de uma cultura organizada
nos planos social,
económico e político,
engenharia e arquitectura.



...a nossa proposta é
que tenha uma experiência
inesquecível, intemporal,
repleta de aromas e sabores
de distantes tempos.

porque
olhar apenas
a pedra e os objectos
é desvalorizar o património
e não perceber a história.

venha e entre nesta aventura,
tenha um ótimo dia.



para mais informações:

Carlos Farinha
93 509 11 44

housecultureclub@gmail.com
geral@housecultureclub.com



transporte;

entradas
e visitas com guia;

bibliografia;

almoço
com menú regional;

saída: Parque das Nações [Lisboa] 07:30 h
Montijo [Portas da cidade] 08:00 h

23 de Julho (domingo)

Monsanto, Idanha-a-Nova, Penha Garcia e Idanha-a-Velha Monte Santo - a força da Pedra

visitar estes lugares
é assimilar não só a paisagem,
mas conviver com hábitos antigos,
e, antes que desapareçam,
conhecer as gentes, o seu saber,
sentir a fé, a história,
o seu percurso desde a origem dos tempos.

contacte-nos em ...

geral@housecultureclub.com
www.housecultureclub.com

CULTURE CLUB
House 

Monte Santo – a força da pedra

apresentação do Geopark Naturtejo e registo histórico-científico do tema proposto, no âmbito das aldeias históricas de Portugal;
permanência de guias em todos os pontos do circuito;
bibliografia de apoio ao evento;
transporte, alojamento, alimentação [pq almoço, almoço e jantar] e entradas nos sítios e museus incluídos no pack;
menu gastronómico regional, ou lista por opção;
complemento musical para o jantar de sábado;

Datas: ☐ 2017 Agosto – 11-12-13\ Setembro – 22-23-24\ Outubro – 6-7-8\
Novembro – 10-11-12; ☐ saída sexta-feira, Parque das Nações, Lisboa às 14:00 horas; ☐ chegada domingo, Parque das Nações, Lisboa às 21:00 (hora prevista ± 30 minutos). ☐ reservas, até 10 dias antecipados. ☐ O evento realizar-se-á com um número mínimo de 20 participantes inscritos.

Reservas e informações nos canais disponibilizados no web-site e nesta newsletter.

Bibliografia

João Zilhão, 2005, A criança do Lapedo e as origens do homem moderno na Península Ibérica. Promontoria, ano 3, número 3, pp. 135-172.

https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/7121/1/PROM03_pp135-172.pdf

João Zilhão, Erick Trinkaus. Eds, 2002, Portrait of the artist as a child. The Gravettian human skeleton from the Abrigo do Lagar Velho and its archeological context. Trabalhos de Arqueologia, 22, pp 613. (pp 561-567)

http://www.bris.ac.uk/archanth/staff/zilhao/lapedobook2002.pdf

Oakley, K. P., 1967, Man the tool-maker, Trustees of The British Museum (Natural History), pp. 98.

https://www.abebooks.co.uk/book-search/title/man-the-tool-maker/author/oakley-k-p/

Santos, V.F.; Lockley, M.G.; Moratalla, J.J. & Galopim de Carvalho, A.M., 1992, The longest dinosaur trackway in the world? Interpretations of Cretaceous footprints from Carenque, near Lisbon, Portugal. Gaia 5: 18-27.

http://www.worldcat.org/title/longest-dinosaur-trackway-in-the-world-interpretations-of-cretaceous-footprints-from-carenque-near-lisbon-portugal/oclc/718514680

Créditos de imagem

Fotografia

02822000001468, gravuras, Foz Côa. farinha.c;
00028000008038, Quinta de Santa Luzia, Pego Longo. farinha.c;
04759000008758, antas do Monte Abraão e Pedra dos Mouros, Queluz – Sintra. farinha.c

Capa da newsletter: estalactite, grutas de Mira d’Aire; Foz Coa, gravuras do paleolítico; sítio arqueológico de Tróia; Berlangas, reserva natural, carreiro dos cações; imagem: farinha.c

Poster’s de circuitos, fonte: farinha.c

Rectificação ao número 1 da Newsletter

Fotografia/ capa da newsletter/ vídeo na Tapada de Mafra/ imagem: abrant.es.j. Pelo facto as nossas desculpas.

Anexos ➡

O Público, jornal, 2000nov25, p 29

O Público, jornal, 2000nov25, p 29

A importância do esqueleto

O ESQUELETO do Lapedo é dos poucos de uma criança do Paleolítico superior descobertos no mundo e, entre eles, o mais completo. Estão lá todos os ossos, excepto o braço direito e parte do crânio. Para se ter uma ideia da importância deste achado, é o primeiro esqueleto de uma criança moderna encontrado em toda a Europa e a primeira sepultura de um homem anatomicamente moderno na Península Ibérica.

Os espeleólogos João Maurício e Pedro Souto, da Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia, em Torres Novas, descobriram o esqueleto por acaso, a 28 de Novembro de 1998, depois de uma máquina retroescavadora ter aberto uma estrada. Começaram por ver os ossos do braço, que agora se sabe serem de uma criança que viveu há cerca de 25 mil anos.

O interesse científico internacional deste achado prende-se sobretudo com o facto de o esqueleto apresentar traços anatómicos típicos de duas espécies de homens que, durante muito tempo, os cientistas consideravam perfeitamente distintas — o homem de Neandertal e o homem moderno. Há 25 mil anos, os homens modernos como esta criança, vindos do Leste, já se tinham espalhado pela Europa e os homens de Neandertal — anatomicamente diferentes dos homens actuais — estavam extintos na Europa central. Sabe-se que viveram até mais tarde na Península Ibérica, talvez até há 28 mil anos. Mas como e por que é que se extinguiram, ou que tipo de relacionamento houve entre eles, ninguém sabe ao certo. Fizeram a guerra, chegaram a amar-se ou ignoraram-se?

A descoberta da criança do Lapedo sugere que, pelo menos na Península Ibérica, possa ter ocorrido um cruzamento entre o homem de Neandertal, antes da sua extinção, e o homem moderno. É pelo menos a tese defendida por João Zilhão e Erik Trinkaus, antropólogo da Universidade de Washington, em St. Louis, Estados Unidos, outro membro da equipa.

Mas a controvérsia em torno da tese do cruzamento tem sido acesa. A última tentativa da equipa para acabar com ela não teve

grande resultado. Ao estudar a estrutura do ouvido interno, do chamado labirinto ósseo, geralmente muito diferente nos Neandertais e no homem moderno, a equipa esperava que pudesse sair uma prova que reforçasse a tese da miscigenação. Se o ouvido interno apresentasse características do homem de Neandertal, isso significaria que a criança, um dos primeiros homens modernos, teria características dos Neandertais. Teria ter havido cruzamentos entre as duas espécies algures no passado, pelo menos na Península Ibérica.

Mas depois de uma tomografia axial computadorizada (TAC) ao crânio, no hos-



O esqueleto do Lapedo ilustrado por Guida Casella

pital Curry Cabral em Lisboa, conclui-se, preliminarmente, que a estrutura do ouvido interno é moderna. Se isto não refuta a tese do cruzamento entre Neandertais e homens modernos, também não a reforça.

Apesar destes resultados, Erik Trinkaus e João Zilhão não se mostraram surpreendidos, porque a maioria das características do esqueleto, e do crânio, são de homem moderno. Mas pela análise da morfologia do esqueleto, Trinkaus tem sublinhado que apresenta traços anatómicos tanto do homem moderno como dos Neandertais.

A criança possui queixo — um traço já moderno, pois os Neandertais não tinham queixo —, só que está metido para dentro de forma invulgar. Por sua vez, as pernas dos Neandertais eram pernas curtas e ancas largas; e nos homens modernos as pernas eram longas e as ancas estreitas. A criança do Lapedo mistura os dois traços, segundo Trinkaus: ancas estreitas, como o homem moderno, e pernas curtas, como os Neandertais. ■ T.F.

As jóias da criança

FOTOG: JOSÉ PAULO RUAS

A CRIANÇA do Lapedo viveu há 24.500 anos ou 25 mil anos e quando morreu, aos três ou quatro anos, sepultaram-na num local a que hoje se chama Abrigo do Lagar Velho, no Vale do Lapedo, distrito de Leiria. Daí o nome dado ao esqueleto descoberto em Novembro de 1998 por dois espeleólogos. Os homens do Paleolítico superior inicial que assistiram à morte da criança enterraram-na cuidadosamente: exemplo disso é que, além de a envolverem numa pele com ocre vermelho e lhe colocaram uma cobertura na cabeça, enfeitaram-na com adornos.

Adornos com metais reluzentes e pedras preciosas? Nada disso. Conchas e dentes de veado foram os materiais usados nos enfeites da criança do Lapedo. De resto, os homens modernos, a espécie da criança do Lapedo e de todos nós, socorriam-se daqueles materiais e também de ossos para fazerem as suas "jóias" paleolíticas.

O esqueleto tinha junto do pescoço uma concha marinha perfurada e, perto da cabeça, quatro dentes caninos de veado furados. O furo indica que a concha terá andado pendurada num fio ao pescoço, e na cabeça terá havido uma cobertura enfeitada com os dentes de veado. Os adornos apresentavam vestígios de ocre vermelho, uma substância usada em ritos funerários, mas também em pinturas nas cavernas e na coloração de roupas.

Nestas páginas, mostram-se os quatro caninos de veado e a concha (com um centímetro e meio) de um molusco gastrópode. É de uma "Littorina obtusata", que vive nas rochas na zona entre as marés. Mas quando se descobre o nome comum deste molusco abre-se um sorriso: é de um burriú, que, pelos vistos, já há 25 mil anos era apreciado por qualquer "Homo sapiens sapiens". O autor das fotos dos adornos é José Paulo Ruas, fotógrafo do Instituto Português de Arqueologia (IPA).

Pela sua parte, a ilustradora Guida Casella concebeu, em 1999, um desenho científico do esqueleto. É o único existente até agora, e Guida Casella fez-lo, em tons



amarelo e vermelho, seguindo as informações recolhidas pela antropóloga física Cidália Duarte, do IPA, sobre a forma como a criança estava na sepultura. Não ficaram de fora outros vestígios arqueológicos associados à ossada, como carvões de pinheiro e ossos de veado e coelho queimados. "Os carvões de pinheiro diziam respeito ao fogo feito antes da deposição do cadáver, e os ossos foram introduzidos como oferendas junto do corpo", explica, por sua vez, João Zilhão, presidente do IPA e coordenador da equipa de estudo do esqueleto. ■ T.F.